

tado pelo marxismo se impôs, vencendo preconceitos com relação à sua própria concepção.

Nesse processo, as diferentes Unidades de Ensino se encontram em momentos bastante diferenciados. De um lado, estão as que ainda não incluíram esta disciplina, com este conteúdo, em seus currículos; em seguida, vêm as que já a incorporaram, mas sem definir a discussão que se dá no interior do próprio Marxismo; e, por último, aquelas que, mesmo em minoria, já têm todo um espaço garantido e se propõem a clarear essa problemática interna:

“Como eu estava te dizendo, hoje, enfim, pelo menos dentro desse grupo supostamente marxista ou, senão, progressista, existem problemáticas. A gente tem discutido muito e longamente aqui, e começado a se colocar. Porque, até há pouco tempo, parecia que todo mundo pensava igual. É progressista, é tipo de esquerda, é tudo igual. E a gente está assumindo essas diferenças. Está começando”.

Enfim, a emergência e a inclusão dessa nova perspectiva na formação profissional do assistente social expressa a força de seu significado e a impossibilidade histórica de não contemplá-la:

“Todos esses elementos apenas deixam claro que é impossível, também no Serviço Social, você deixar de dialogar com esse fundamental vertente do pensamento do mundo contemporâneo. Não dá mais para você negar carta de cidadania ao Marxismo. A tradição marxista está de tal maneira encravada na cultura ocidental que não há como impedir, mesmo na Universidade brasileira, mesmo no Serviço Social, que essa discussão se dê”.

## 5.2 — O suporte teórico da disciplina: Marxismos sem Marx

A compreensão manifestada pelos professores dos conceitos e do modo de repassar a proposição de Marx revela, por outro

lado, a diversidade de marxismos que transitam na formação do profissional do Serviço Social.

O desenvolvimento das idéias de Marx, pós-Marx, foi extremamente diversificado, o que leva a que não se possa falar de Marxismo e, sim, de marxismos, implicando diferentes compreensões e incompreensões de sua obra, com seus matizes variados.

Como já foi mostrado, os desdobramentos da contribuição de Marx significaram uma possibilidade não só de enriquecimentos, mas também de distorções e empobrecimento, quando se tornaram produto de influências reductionistas, que minaram algumas leituras que se fizeram de sua obra. Entre essas, relembre-se, encontra-se a influência do Positivismo.

Em nível mais geral, as diferentes concretizações da disciplina *Metodologia no Serviço Social*, em seu desenvolvimento, no presente, não se questionam quanto a essa questão.

A distinção entre o que é a obra de Marx e a tradição marxista posterior não foi apontada, pela maioria dos entrevistados, como uma preocupação de fundo no entendimento do desenrolar dos conteúdos da disciplina. Apenas em um depoimento essa inquietação foi assim revelada:

“Primeiro, minha preocupação é insistir na *distinção entre a obra marxiana e a tradição marxista*. Eu acho que estão intimamente ligadas, mas são diferentes. Quer dizer, a obra marxiana — chamo de obra marxiana aquilo que é da responsabilidade da lavra de Marx — e a tradição marxista, todo o acúmulo de pesquisas, de interpretações, de desdobramentos, de ampliações, que é resultante da obra marxiana, mas que é atravessada por condicionalismos políticos, culturais, regionais, éticos etc. Então, faço questão de mostrar o seguinte: não há o Marxismo. Há uma fonte e uma tradição que se acumulou em torno dela, com vertentes diferenciadas. E que essas vertentes nem sempre são compatíveis entre si, apresentando, inclusive, dessincronias com a fonte da obra marxiana”. (Grifo meu.)



Isso revela uma não-discussão entre os professores dessa área, em geral, do Marxismo e de seus desdobramentos, que varia a clarear os diferentes marxismos e a distinguir, nas várias visões da obra de Marx, os aspectos nela percebidos deformadamente. Assimilam-se e reproduzem-se, acriticamente, leituras que apresentam, entre outros pontos discutíveis: um Marx que agiganta a determinação do fator econômico como elemento único, gerador do desenvolvimento da sociedade; um Marx que supervaloriza o papel das classes, de sua luta, do significado do sujeito construindo sua história, desvinculado da base material que o sustenta; um Marx que é metodológico na própria acepção positivista, ou seja, que se reduz ao método; um Marx atrofiado à sua dimensão de cientista social “pesquisador” da sociedade, desligado de sua convicção da necessidade de transformação dela.

A preocupação em recuperar Marx através de seus textos originais já é, no entanto, expressiva, mas a sua prática ainda se revela incipiente: “Veja. Parece incoerente. Eu acho importante o aluno conhecer o original, e *eu não trabalho com o original de Marx, (...) a gente recupera alguns conceitos*”.

Essa afirmação de um entrevistado correspondente, também, ao que ocorre em algumas outras Unidades de Ensino: a disciplina tem seu desenvolvimento “garantindo” por intermédio da leitura de intérpretes de Marx, recorrendo pouco a textos do próprio Marx. Entre os autores mais estudados, destacam-se: Gramsci, Karel Kosik e Bachelard. Ao nível da produção nacional mais próxima do Serviço Social, encontram-se Marilda Villela Iamamoto e Miriam Limoeiro Cardoso.

Na sua maioria, os professores não conseguem situar com clareza que leitura de Marx esses autores fazem: “Que eles são interpretação eu sei, mas em que sentido se coloca a sua leitura, eu nunca pensei sobre isso”.

Ao assimilar a leitura de diferentes autores, sem localizar, contextualizar e relacionar sua posição como diferenciada da de Marx, os docentes, de modo geral, acabam por repassar uma

idéia deles mitificada, atribuindo-lhes a descoberta e o monopólio da análise de determinadas questões que, na verdade, já haviam sido colocadas e trabalhadas por Marx e que, de fato, esses autores apenas desdobraram.

Desses, os que apareceram mais insistentemente na indicação bibliográfica da disciplina, em seus diferentes tratamentos, foram assim situados:

“O texto de Karel Kosik, no livro *Dialética do Concreto*, que é o mundo da pseudoconcretidade e a sua destruição, onde ele discute a destruição da pseudoconcretidade, que a gente entende que, evidentemente com características distintas, mas que ele bebe muito na fonte do Marxismo. Basicamente isso”.

E esse entrevistado continua, explicando que a utilização do texto referido está mais ligada ao aprofundamento da questão do conhecimento e traz subjacente uma crítica à lógica do pensamento positivista:

“Quando ele discute o mundo da pseudoconcretidade e a destruição desse mundo, ele já está fazendo uma proposta de que o conhecimento da realidade não significa uma contemplação da mesma. Que o conhecimento se dá na medida em que o sujeito busca o significado da realidade, o significado dos fenômenos e, para isso, ele necessita destruir essa falsa concretidade, ele necessita ultrapassar essa aparência, essa imediatividade dos fenômenos. A gente vê que esse autor faz uma discussão do pensamento marxista. O interlocutor dele é Marx. É muito ruim a gente ficar rotulando e classificando, mas vejo muito o Karel Kosik como ‘fenomenólogo’ marxista que discute muito a questão do conhecimento no cotidiano, a questão da própria subjetividade do homem. Isso a gente tenta resgatar nesse texto. A questão da subjetividade do homem no ato de conhecer etc., mas de um ponto de vista ou a partir de um enfoque marxista”.

→ Quanto a Gramsci, a escolha de seu livro *Concepção Dialética da História*, como um dos textos fundamentais da disciplina é explicada a partir de questionamento que um entrevistado fez a si mesmo:



“Por que me detenho no Gramsci? Eu penso que o Gramsci coloca uma possibilidade maior de pensar o Serviço Social dentro do Marxismo. Pelo trabalho que o Gramsci faz de clarear — eu não tenho a ousadia de dizer que o Marx colocou uma relação mecânica fadada ao dogma, ou seja, a relação da infra-estrutura com a superestrutura —, mas eu penso que o Gramsci colocou de forma mais acessível esta questão, muito mais próxima da prática social, da relação nossa no mundo. Por isso, me detenho mais nele. Esta questão é, justamente, a que abre muito mais a possibilidade do trabalho para o Serviço Social, pois é a mediação da relação estrutura e superestrutura que o Gramsci trabalha mais. *O Marx pode até trabalhar mais, mas eu não cheguei a conhecer*”. (Grifo meu.)

Um outro procura demonstrar, também, seus motivos da opção pelo marxismo através de Gramsci:

“Quando eu trabalho com essa disciplina, eu me aproximo muito mais do Gramsci. Eu não recorro aos textos do Marx. Eu faço referência, eu recupero e faço aproximação maior com o Gramsci, porque me preocupa, o que ele coloca: o reacasamento do pensamento com o fazer, do fazer com o pensar. E eu penso que é só por aí que a gente pode construir uma nova postura de profissional do Serviço Social, capaz de pensar, de conhecer e de interferir. Interferir com conhecimento de causa”.

Sobre Bachelard<sup>1</sup>, o entrevistado que o mencionou não explicou os motivos de sua escolha, apenas afirmou que: “Recupera-se e trabalha-se com o texto do Bachelard, localizando a questão do conhecimento, o processo de construção do conhecimento”.

1 Gaston Bachelard tem uma trajetória intelectual ligada à reflexão das interpretações racionalistas, revelando uma posição que reflete preocupação com questões da produção científica — “observação carregada de teoria, que emerge mais além da generalização de observações”. Entre outras, preocupou-se com a questão do saber absoluto, preferindo um posicionamento aproximativista e probabilístico do conhecimento. Também a idéia de “corte epistemológico”, que, posteriormente, foi resgatada por Althusser, tem em Bachelard a sua origem, quando ele trabalha as suturas entre espírito científico e pré-científico.

Quanto às opções de trabalhar com textos produzidos em nível nacional, a apreciação se restringiu ao seguinte:

“Eu acho que a Marilda Lamamoto coloca uma visão em que ela tenta trabalhar o método de uma maneira bem clara. Eu acho que a posição dela é uma posição marxista. Está bem nítida, até como ela trabalha e tal”.

Em outro depoimento, a escolha do livro *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil*, dessa autora, é considerada significativa por se tratar, segundo o entrevistado: “de toda uma síntese que ela faz da teoria e, depois, como se deu isso no Serviço Social aqui no Brasil”.

Noutra fala, afirma-se:

“O que eu acho é que é uma leitura que está mais próxima dos clássicos mesmos. A teoria marxista não é só uma questão de método de conhecimento, mas é uma construção do método de conhecimento de uma ciência, de uma prática de referências de um estudo desta sociedade capitalista”.

E, finalmente, num último depoimento:

“Um outro texto que usa e que é também bem discutido na disciplina é o texto da Miriam Limoeiro. É na introdução do livro *Ideologia do Desenvolvimento Brasil: JK, (Cardoso, 1978)*, que são as considerações metodológicas que ela faz. Bom, na verdade eu não sei. E já acho mais difícil falar que, neste texto, Miriam Limoeiro tem uma interpretação do pensamento marxista”.

Verificam-se, na prática, tentativas de recorrer a textos originais, com maior ou menor grau de desenvolvimento, em situações que já vêm sendo vividas por alguns professores. A seguinte entrevista expressa isso:

“A minha primeira preocupação é insistir que o caminho correto é ler a fonte. Eu acho que a tradição marxista enriqueceu muito a obra de Marx, fê-la avançar, mas tem uma série de problemas. Então não dá para você pensar Marx através de seus intérpretes. O que eu sempre reforço, no meu trabalho, é que, primeiro, Marx não é misterioso. É um prosador legível e extremamente agradável. Ir a ele é fundamental”.



Dos textos de Marx, os mais utilizados são o *Manifesto Comunista*, a *Contribuição à Crítica da Economia Política* e, também, a *Introdução à Crítica da Economia Política*. Tais obras, mais adiante, serão discutidas um pouco mais amplamente, como referencial de enfoques dados por diferentes tratamentos da disciplina.

Ficou claro, entre a maioria dos entrevistados, um “receio” de trabalhar diretamente com os textos de Marx, por serem considerados de difícil compreensão e acesso. Na realidade, porém, um entendimento profundo dos intérpretes de Marx envolve, muitas vezes, um trabalho mais complexo de entendimento das determinações das quais ele é produto. Situa-los historicamente, para entender a sua contribuição e as bases de sua crítica, ou fazer uma leitura interpretativa do original é tarefa, se não mais, pelo menos tão árdua quanto ler as fontes. A leitura dos desdobramentos de Marx, em última instância, remeteria, obrigatoriamente, às fontes, como ponto de partida da crítica que essas interpretações expressam.

### 5.3 — A formação dos docentes: Marx reinterpretado

A dificuldade de convívio com a obra original de Marx, em sua totalidade, remonta ainda à introdução de seu pensamento no Brasil, nas primeiras décadas deste século.

A difusão inicial dos textos desse filósofo foi precária e, quase sempre, sua divulgação se fez por meio de interpretações deficientes, que mal correspondiam às questões por ele colocadas.

Leandro Konder faz uma interessante reflexão sobre esse começo do marxismo no País, revelando, a influência positiva que envolveu tal introdução. “Ao darem seus primeiros passos, os marxistas brasileiros foram levados a assumir, filosoficamente, o legado do modo de pensar do tipo positivista” (Konder, p. 197).

Naquele momento, o Positivismo de Augusto Comte, influenciado pelas idéias spencerianas “constituía a base filosófica que determinava, no essencial, a reflexão e os hábitos mentais da intelectualidade que os comunistas podiam pretender arregimentar” (Konder, 1988). O Positivismo secundarizava as questões filosóficas mais amplas, considerando-as metafísicas, pois eram vistas como não-científicas, rebaixando, assim, ainda mais, a precária trajetória de reflexão sistemática então dominante. O menosprezo pela elaboração teórica foi, pois, referência para a estreiteza das visões do marxismo abraçadas.

Konder destaca, por outro lado, que Marx ficava fora do ensino superior. Sua obra quase não era levada em consideração nas Universidades e, quando isso ocorria, sua abordagem era precária. As condições de acesso a seus textos originais só se dava em condições muito especiais.

Se, na origem, foi tortuoso e limitado o acesso à obra de Marx, as gerações mais recentes, das quais emergem os atuais docentes de Instituições de Ensino Superior, sofreram uma atrofia maior quanto à possibilidade desse conhecimento com o corte imposto pelo Golpe Militar de 1964. Logo, a maioria desses docentes não teve, em sua formação básica e profissional, nenhuma referência à obra de Marx e muito menos, acesso a seus textos originais.

“Dentro da faculdade (1974-1977, no Nordeste) e no colégio, 1º e 2º graus, eu nunca ouvi falar de Marx: colégio de freiras, tradicional, fechado nunca ouvi falar.

E, quando ouvi as primeiras coisas de Marxismo, era tudo equivocado. Era uma idéia bem equivocada, foi um erro grave, de um professor na Universidade, que falava do Marxismo e falava do materialismo e tinha como referência *matéria*. Era uma coisa completamente errada”.

depõe um entrevistado, que ainda, acrescenta: “É difícil compreender. O momento que eu fiz o 1º e 2º graus foi um momento



de extremo fechamento, não existia nada. Grupos de estudantes, UNE, não tinha nada disso”.

Esse depoimento revela as limitações de acesso ao marxismo, na sua dimensão de produto da falta de abertura política, se prolongaram mais nos Estados do Nordeste e Norte do País. Essa suspeita tem a ver com o momento em que esse entrevistado frequentou a Universidade de 1974 a 1977 — quando já se veiculava uma abertura política, que, com todas as suas restrições, colocava, na ordem do dia, tais questões.

“No período bravo da repressão, eu estava no Nordeste. A guerrilha no Araguaia, a gente não sabia de nada ali, tão pertinho. Eu vim saber da guerrilha do Araguaia quando estava no mestrado. Eu fui à feira do livro, em Ipanema, no Rio de Janeiro, e aí soube da guerrilha no Araguaia. Eu lembro que eu disse: ‘Uai, que guerrilha?’ Parece piada.”

Esse fato é bem expressivo do estado de isolamento cultural e político a que esteve submetida a Universidade brasileira durante todo o período militar, e que impediu, através da restrição à liberdade de expressão e de imprensa, a captação dos movimentos sociais por amplos setores da população.

É importante considerar, pois, que significativa parcela dos docentes que hoje se dedicam ao ensino da concepção teórico-metodológica marxiana e/ou marxista é fruto de uma estrutura universitária que, nos anos da ditadura militar, teve o debate baseado de seu interior. O momento em que se formou a maioria desses docentes delimitou-se entre a ausência total da reflexão sobre o Marxismo e a incorporação através de autores que, por seu turno, já repassavam uma leitura de Marx:

“O meu primeiro contato com o marxismo foi lamentável. Foi na minha época de estudante. A rigor, eu não digo que foi contato com marxismo, mas durante um bom tempo eu acreditei que foi. O meu contato com o Marxismo foi via Politzer, Marta Harnecker e Althusser. Na verdade, em termos de estudo mais sistematizado, eu só vim a atender para esse equívoco no mestrado, que já foi em 85. Eu já tinha 11 anos de formada”.

A mesma entrevistada fala, ainda, sobre o significado que essa influência teve sobre sua formação:

“Eu acho que a influência que esses autores tiveram na minha formação foi negativa. Isso eu não pensava desde o princípio, mas hoje eu vejo que ela foi realmente negativa. Ela me custou talvez uns seis a sete anos de pensamento equivocados mesmo a respeito do Marxismo”.

Louis Althusser foi o autor que liderou em influências, a formação docente.

Este filósofo francês teve uma posição significativa no movimento comunista internacional, colocando uma série de questões que tiveram algum sentido no contexto do movimento social do operariado europeu em determinado momento histórico. Com isso não pretendo justificar suas posições, mas localizá-las em seu possível significado e as deformações advindas da “importação” de suas formas de pensar, assimiladas acriticamente e desconstruídas, pela formação docente, no caso, no Serviço Social no Brasil dos anos 60.

Em termos históricos, as colocações de Althusser correspondem a um momento do desenvolvimento do capitalismo, do capitalismo de estabilização que dificultava a visualização de seu processo de crises periódicas. Por sua vez, o movimento operário como parte deste mesmo momento tendia a se burocratizar, minimizando a dimensão da práxis humana como criadora da história.

Entre os desdobramentos da leitura de Marx feita por Althusser, aponto, apenas uma repercussão desta que, reduzindo a proposição marxiana, rebateu no Serviço Social. Trata-se da separação feita por ele com relação à obra de Marx — os primeiros escritos, considerados filosóficos, contemplando a condição humana como geradora de seu próprio destino e os escritos que ele considerava da maturidade de Marx expressando sua proposição científica, baseada num entendimento mais estrutural da sociedade e sobrevalorizando a determinação econômica.



Esta separação, a conhecida idéia de corte epistemológico (noção que Althusser apropria de Bachelard) expressaria duas formas distintas de pensar. Isso leva a uma posição de ruptura entre ciência e ideologia e consequentemente, entre ciência e transformação social. Esta tendência cientificista do marxismo, vista por Althusser, levava consigo uma maior preocupação com as questões epistemológicas, prevalecendo sobre as de ordens ontológicas.

Só em tempos mais recentes, alguns cursos, principalmente em nível de Pós-Graduação, têm enfrentado essa necessidade de recuperação de determinados autores clássicos, o que se constitui, no entanto, num esforço ainda incipiente e frágil:

“Eu fui ler Marx quando já estava no mestrado. Eu já tinha dois anos de Magistério. Mas vivi na minha formação todo um *não* ao Serviço Social tradicional, sem ter, na verdade, lido nunca nada de Marx. Sem ter sido introduzida ao marxismo. Aliás, era até proibido. Eu me lembro muito bem, na minha formação, que para a gente pegar *Poltizer* era escondido, pós-64. A gente sentar para estudar *Poltizer* era escondido”. (Besse e Caveing, 1970).

Esta passagem de outro depoimento desenvolve-se na mesma linha: “Essa preocupação de recuperação dos clássicos é um negócio muito recente, não é? Na minha formação não tinha marxismo”.

A aproximação aos “marxismos” deu-se, em muitos casos, através da militância político-partidária e, só tardiamente, sua discussão foi incorporada ao debate profissional-acadêmico, num contexto mais amplo de liberalização política:

“O meu contato com o Marxismo se deu, de uma certa maneira, fora da academia. Foi na minha formação política do movimento estudantil, também um pouco travestida. Cheguei a ter contato tanto com idéias marxistas quanto com leituras, mas nunca de textos de Marx. Na verdade, eu li o primeiro texto de Marx foi no Mestrado”.

A própria participação de muitos docentes em movimentos sociais, muitas vezes, acrescentou pouco a essa necessidade de

aproximação à fonte marxiana, mas desenvolveu a sensibilidade para a descoberta e a receptividade para entendê-lo, tendo por base motivações políticas.

Pode-se, dessa forma, fazer uma ligação entre toda essa limitação e algumas marcas do desenvolvimento do movimento operário no Brasil. Historicamente, esse movimento foi marcado pelo anarquismo mais preocupado com a crítica à autoridade política, ao Estado, demonstrando um escasso conhecimento das concepções de Marx. Acrescente-se a isso a influência do stalinismo, que conseguiu dogmatizar e pragmatizar ao extremo a obra de Marx, a ponto de, como afirma Konder, atingir

“um prodígio da síntese capaz de fascinar qualquer positivista de esquerda: conseguiu apresentar em *uma única página* um quadro esquemático do desenvolvimento das forças produtivas desde os tempos primitivos até nossos dias”. (Konder, p. 183).

Em quase todos os depoimentos feitos, ficou bem evidente que a tomada de contato com as idéias marxistas ou marxianas se deu, fundamentalmente, na juventude, por meio da participação nos movimentos sociais, ou pela vinculação à Universidade nos anos mais recentes.

Entretanto, alguns deles revelam uma outra origem, ligada a vínculos familiares ou ao próprio contexto de vida na infância:

“Minha mãe é uma pessoa que sempre teve uma forte simpatia pela esquerda. Ela sempre foi uma pessoa que prestou uma solidariedade ativa à esquerda brasileira em todos os momentos, até 59, que sempre me chamou a atenção para a vida. Para a vida, sobre o capitalismo. Uma pessoa que veio de camada empobrecida da população, de muito sofrimento”.

Quando indagado, também, sobre seu primeiro contato com as idéias de Marx, um outro entrevistado assim se manifestou:

“O meu contato? Eu sou filha de um militante, eu fui educada dentro. Eu diria para você que eu era uma marxista sem saber que era. Fui educada, desde pequenininha. Ia nos movimentos, congressos, tive acesso a leituras. E, por incrível que pareça, eu não militei”.



Ainda que esses dois entrevistados tenham sofrido alguma influência já nos primeiros anos de suas vidas, a continuidade, ou melhor, a militância propriamente dita somente se concretizou em uma das situações: “Eu não militei, porque eu sempre tive uma crítica a essa coisa de você ter que ficar meio presa a determinadas instâncias. Eu sempre me rebelei um pouco com isto”.

Na outra, a trajetória de vida do entrevistado no sentido de assumir a militância: “Eu entrei para o partido comunista muito cedo”. E, refletindo sobre seu percurso, recorda ele que, além da influência inicial, materna, o próprio contexto em que se criou gerou determinadas condições para essa opção. Referindo-se a esse contexto da infância, assim o caracteriza:

“Nessa época, onde vivia era uma área onde você tinha elementos fabris. Tinha três fábricas.

Eu achava meio estranho aquele negócio ali das fábricas. Como é que era aquele negócio: eu comia, os caras não cymiam. Esse troço me grillava. Como, felizmente, eu não tive nenhuma formação religiosa, não acreditei no outro mundo para resolver os problemas. Tinha que resolvê-los aqui.

Por acaso comecei a ler, leitura desordenada, com uma orientação da minha mãe. Em cidade do interior, como é que um cara vira comunista? É por causa do professor, do barbeiro e do sapateiro”.

Eu tive esses três personagens. E o movimento operário, ao qual sempre tive vinculação. É isso”.

Finalizando, diz: “No partido, eu sempre tive um estímulo muito grande para estudar. Foi isso. Meu contato foi um contato com fontes. Agora, a Universidade não me deu nada em relação ao Marxismo. Nada”.

Em termos gerais, as vias de acesso a Marx mais comuns entre profissionais do Serviço Social, seja pela vida acadêmica, seja pela militância político-partidária, se mostraram precárias, repassando um Marxismo cristalizado e limitado.

Cabe aqui, ainda, caracterizar os “marxistas” que nunca leram Marx, o que também ficou bem claro em várias entrevistas:

“E no Serviço Social eu acredito que também isso existe muito. Porque, depois de um bom tempo, é que a gente está de fato investindo em estudar Marxismo. Eu me arrisco a dizer que uma parcela considerável de ‘marxistas’, no Serviço Social, não leu um texto original de Marx. E a gente tem uma tendência na nossa escola, desde quando eu fui aluna, em estudar críticas, estudar fulanos que leram Marx e não ir a Marx”. (Grifos meus.)

Todas essas limitações revelam que o repasse dos diferentes conteúdos do Marxismo feito pela disciplina *Metodologia no Serviço Social*, tendo em vista a formação do profissional dessa área, de modo geral, é marcado por retraduições da obra de Marx. Isso só não leva a que se dê mais importância às reinterpretações que às idéias originais como também denuncia quanto se ocultam aqueles aspectos, que peculiarizam a forma de pensar desse autor.

Um dos testemunhos diz respeito à significação da transmissão pelo original:

“É insubstituível trabalhar com aquilo que eu chamo de *estilo de pensar de Marx*. Eu não acho que é importante que os meus alunos conheçam todas as conclusões a que Marx chegou. Algumas inclusive superadas pelo tempo. Mas o que é fundamental é como Marx chegava lá. Então, eu não começo discutindo com os estudantes dialética. A questão é tentar pegar Marx como um analista da sociedade burguesa. Eu relaciono claramente Marx com a sociedade burguesa. Marx não pensava sem a sociedade burguesa”.

(Grifo meu.)

Recuperar o “estilo de pensar de Marx” significa recobrar o modo como ele captou e trabalhou a sociedade. Tem o sentido de resgatar as categorias fundamentais com as quais trabalhou ou, ainda, como ele construiu as suas categorias explicativas dessa sociedade. Leva, ainda, a colocar, não-positivisticamente, a questão do método em Marx, não o segmentando de sua dimensão teórica nem vice-versa.

A reflexão, em um dos depoimentos, quando o entrevistado discorre sobre esse assunto, aponta algumas categorias:



“Eu, sobretudo, enfatizo algumas categorias que me parecem categorias fundamentais no pensamento marxiano. Eu acho que você tem que fazer uma priorização, um recurso de seleção. Eu insisto em três categorias fundamentais: a categoria da totalidade, e com isso a gente rebate qualquer tipo de reducionismo, a categoria de negatividade e a categoria de mediação”.

## 5.4 — As ênfases temáticas: Totalidade rompida por abordagens unilaterais

Do ponto de vista do conteúdo da disciplina Metodologia no Serviço Social, os programas analisados tendem a uma tematização em que se definem como idéias recorrentes explicitadas em seus objetivos, propiciar ao aluno:

as principais idéias do Marxismo e o contexto histórico do seu desenvolvimento;

um estudo sucinto de suas categorias básicas de análise;

a incorporação desta perspectiva teórica na abordagem do Serviço Social.

Ao estruturar os diferentes programas dessas disciplinas, os docentes tendem a realizar uma dupla filtragem. Por um lado, selecionam aqueles elementos considerados, por eles, como “fundamentais” na abordagem da teoria social de Marx. Por outro, fazem essa seleção direcionados pela ótica de seu reatamento na área profissional, o que significa estruturar o campo teórico pelo ótica da recepção pelo Serviço Social.

Essa dupla dimensão do conteúdo da disciplina — a teoria social de Marx e as abordagens do Serviço Social que dela se apropriam — têm pesos distintos no seu desenvolvimento. Em alguns casos, a primeira dimensão predomina fortemente, levando a uma atrofia da segunda, ou seja, a da sua ressonância no Serviço Social. No extremo oposto, estão aqueles programas cujo con-

teúdo se centra na reflexão profissional, reduzindo os fundamentos teóricos à condição de informações subjacentes.

Analisando o processo seletivo ocorrido na estruturação dos vários conteúdos da prática dessa disciplina, poder-se-iam identificar diferentes tipos da parcialização da perspectiva de Marx, que a simplificam e deformam, ferindo um aspecto fundamental que marca toda a concepção do filósofo que é a idéia de totalidade.

A preocupação de Marx, nessa linha, passa, entre outras preocupações, pelo cuidado de evitar o conhecimento isolado, fragmentado, não aceitando a “autonomia” total das partes com relação ao todo. Os problemas e suas diversas formas de conexão devem ser discutidos e justificados no estudo do ser social, como dimensões participantes deste, considerado, então, na totalidade de seus determinantes objetivos, com suas complexas ligações e mediações.

Assumir o pensamento de Marx em sua totalidade significa, pois, tomá-lo nas três dimensões de sua proposta, todas três interligadas e inseparáveis: o método dialético, a teoria do valor e a questão da força social das classes e a luta de classes, cujo fim último é a possibilidade da revolução. A ênfase excessiva em uma ou outra dessas dimensões acarreta, portanto, deformações da visão de totalidade que está embuída em sua concepção.

Quando perguntado sobre a visão de Marxismo que se repassa através da disciplina *Metodologia no Serviço Social*, um dos entrevistados assim se posiciona:

“Insisto em que pensar Marx é pensar um tripé. Que tripé é esse? O primeiro pé é o método dialético. O segundo pé é a teoria do valor-trabalho e o terceiro pé é a perspectiva da revolução”.

E, esclarecendo sobre o primeiro “pé do tripé”, afirma:

“Pensar primeiro a dialética. Não uma dialética como aquelas três ou quatro leis às vezes eu não sei nem quantas são aquelas leis. Eu faço questão de não trabalhar daquela forma. É até não uso o jargão. Eu começo a trabalhar um processo, mostrando como é que esse processo sinaliza fenômenos. Esses fenômenos sintoma-



tizam processos de fundo que vão interagindo — e aí não se trata da interação funcionalista. Eu distingo para eles, muito claramente, contradição de diferença, de oposição, de antagonismo. E como é que isso vai engendrando sempre um novo e que o novo é algo que traz as marcas daquilo que o antecede, mas que é um rearranjo substancialmente inédito, diverso. Então, o método dialético é parte do tripé que sustenta a obra marxista. É o pé de um tripé”.

A teoria do valor-trabalho, recuperada por Marx das reflexões sobre o regime econômico desenvolvidas, fundamentalmente, pelos economistas ingleses Smith e Ricardo, teoria que se constitui a base para a descoberta da mais-valia como trabalho não pago que cria lucro e riqueza para a classe capitalista, é caracterizada da seguinte forma:

“O outro pé é a teoria da mais-valia. É fundamental. E ela está vinculada a quê? A teoria do valor. Sem a teoria do valor de Marx, teoria do valor do trabalho, ele não seria capaz de pensar a teoria da mais-valia. Insisto que é por aí que ele pensa o sistema capitalista. Ele não tem o juízo se o capitalismo é bom ou é mal. Ele não está preocupado com isso. Ele está preocupado em chamar a atenção sobre o caráter explorador desse sistema”.

E, finalmente, o terceiro “pé do tripé” — a perspectiva da revolução — põe em destaque a questão das classes, de sua luta, e o significado da classe operária como “a força social capaz de se tornar a criadora da nova sociedade” (Lenine, p. 38).

A omissão ou secundarização de um ou mais de um desses suportes e o conseqüente agigantamento do(s) outro(s) deformam o pensamento de Marx.

Sem a teoria da dialética, não se pode pensar o movimento da sociedade capitalista; e não se capta esse movimento leva a entender de modo positivista essa sociedade. Agigantá-la e isolá-la do trinômio desvincula o conhecimento da sociedade da própria sociedade concreta — a sociedade capitalista, caracterizada pelo valor-trabalho. Da mesma forma, não é possível separá-la da finalidade última do movimento dialético, que se direciona para a possibilidade de transformação dessa sociedade.

Por outro lado, avaliar de modo isolado a teoria do valor-trabalho insinua uma determinação do econômico, numa perspectiva de fatalismo anulador do papel histórico da luta de classes, relegando o movimento dialético, em que a compreensão do econômico é uma dimensão fundamental, mas não a única. Ao se eliminar a perspectiva da revolução, a teoria social reduz-se a uma “sociologia”, a uma “história” a mais. Sem essa perspectiva, a teoria social do filósofo fica circunscrita a uma mera teoria do conhecimento.

Finalmente, se a perspectiva da luta de classes, ou seja, do significado do papel dos sujeitos históricos no processo de transformação da sociedade, for enfocada sem sua conexão com os dois outros “pés do tripé”, estar-se-á falando de uma transformação idealizada e de uma superestrutura desvinculada de sua base material correspondente.

## 5.4.1 — Fatalismo: hipertrofia das forças produtivas

Essa visão determinista, em que a produção da vida material estabelece as demais esferas da vida social, vista como uma relação direta e “automática”, apareceu em depoimentos dos professores entrevistados.

A excessiva ênfase no significado da determinação econômica atrofia a riqueza da inter-relação realidade/pensamento, constituindo-se, em última instância, numa abordagem “mecânica” da proposição de Marx. É interessante perceber que ela vem associada a um esforço dos docentes no sentido de superar a visão voluntarista, isolada, que ainda predomina no Serviço Social, por influência de seu passado histórico.

No Serviço Social, em todas as suas abordagens, até mesmo na do marxismo, sempre predominou uma tendência messiânica voluntarista, em que se enfatizava a dimensão subjetivista, pro-



curando resgatar o papel do homem na construção da história, negligenciando o reconhecimento e a consideração do movimento da sociedade como um processo que inclui determinações objetivas, materiais.

Na tentativa de superar essa abordagem idealista da compreensão do processo histórico, o pêndulo inclina-se para a direção oposta: a supervalorização da determinação econômica, resultante de leis naturais da produção capitalista "(...) dessas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade" (Marx, p. 7). Nesse sentido, recupera-se, com ênfase, a concepção materialista da história que

"parte da tese que a produção, e com ela a troca dos produtos, é a base de toda a ordem social, de que em todas as sociedades que desfilam pela história, a distribuição dos produtos, e juntamente com ela a divisão social dos homens em classes ou camadas é determinada pelo que a sociedade produz e como produz e pelo modo de trocar os seus produtos". (Engels, 1988, p. 54).

caindo na deformação contrária de compreender o desenvolvimento da sociedade enquanto algo independente da ação dos homens.

Torna-se visível essa pendência no desenvolvimento da disciplina *Metodologia no Serviço Social*, em alguns de seus vários tratamentos, quando se tende a incluir, privilegiadamente, em seu conteúdo, questões relacionadas à teoria do valor-trabalho em detrimento do debate dos outros dois "pés do tripé", igualmente considerados básicos para a compreensão do desenvolvimento da sociedade capitalista, segundo Marx.

Em alguns depoimentos, fica realçada essa ênfase fatalista, quando se afirma: "A base material é que *'faz a consciência'*, determinada pelas condições econômicas historicamente dadas, concretas. Isto eu tentei passar muito". E ainda: "O que é a dialética e as questões sobre a consciência, eu não aprofundi, mas enfatizei a questão do que é materialismo histórico".

Dentro deste enfoque, o segundo depoimento insiste:

"Os temas que eu trabalho e priorizo são os que te falei: a questão da história, a questão das relações sociais, compreender o que é materialismo. O materialismo histórico. Não falei sobre a dialética. Tenho a impressão de que eles já tinham visto. Talvez fosse bom falar mais. Sobre a questão das noções que priorizei, foram as econômicas principais, sobre mais-valia, trabalho excedente, trabalho assalariado, reprodução das relações de produção, reprodução da força de trabalho, trabalho socialmente necessário. Foi com essas categorias, mais ou menos com isso que a gente trabalhou".

Nesta entrevista, o professor reconheceu os limites de uma abordagem tendente ao "economicismo":

"Não digo que abordei somente esta dimensão econômica, não. Eu trabalhei muito a questão histórica, a compreensão da questão da relação de dominação. Marx fala da questão da consciência, mas eu teria que ter trabalhado mais isso. Porque pode parecer uma coisa muito determinista, quando ele fala, no *Prefácio*: o homem, quando ele nasce, já está determinado. Mas não foi bem isso. Eu tentei explicar isso na questão histórica, sobre a necessidade que ele tem da transformação, na medida em que vai tendo consciência. Mas a questão da práxis eu devia ter trabalhado mais, deixei escapar. Eu acho que tinha que trabalhar um pouco mais essa questão ideológica. Eu não soube trabalhar, tinha que ter um estudo maior, eu não sabia desenvolver melhor o tema".

No que se refere à bibliografia utilizada, alguns professores da disciplina demonstram um esforço real por leituras originais de Marx, evitando os intérpretes. Entretanto, a escolha dos textos que são priorizados vai na linha de reafirmar a perspectiva dominante no tratamento da *Metodologia no Serviço Social*:

"Eu coloco ênfase na questão do *Prefácio à Contribuição à crítica da economia política*. Acho que esse *Prefácio* é muito bom, como ainda a *Introdução à crítica e o Método da economia política*. Eu acho que esses são ótimos, tem que começar por eles. Colocaria o *Método* até para referendar que existe este Método, embora eles



não vão ter compreensão, porque é impossível ter uma primeira leitura.”

E ainda: “Recebi a indicação do texto *Salário, preço e lucro*, mas não o utilizei por não me sentir em condições de desenvolvê-lo”.

Ainda que o processo da entrevista não tenha propiciado a possibilidade de se perceber com que nível de crítica esses textos são trabalhados, sabe-se que o *Prefácio*, por exemplo, é considerado um texto que reforça a formulação da relação base/infra-estrutura abordada na sua vinculação direta e um pouco automática do econômico ao espiritual, ideológico. O caráter mais complexo que envolve essa relação e que implica não se considerar a superestrutura como mero reflexo passivo da infra-estrutura não é aí contemplado.

## 5.4.2 — Voluntarismo: a história reduzida à consciência dos homens

O reverso dos exageros da concepção materialista da história, que exacerba o determinismo econômico, também se manifesta nos conteúdos da teoria social de Marx, repassados pela *Metodologia no Serviço Social*.

A expressão dessa outra parcialização da concepção de Marx está ligada à minimização do reconhecimento dos fatores econômicos, que enfoca, privilegiadamente, os fatores não-econômicos como determinantes no desenvolvimento da história. Assim, deixa-se de lado o sentido do desenvolvimento e o influxo das forças produtivas e das relações de produção, enfatizando-se o significado dos atos voluntários e das concepções morais, jurídicas, espirituais e outras, assim como as tradições culturais, históricas

e religiosas características de cada momento histórico, como fatores de participação decisiva no desenvolvimento da sociedade<sup>2</sup>. A consciência e a vontade dos homens não aparecem como fator “interligado” ao movimento material, fundado nas relações de produção sociais, mas como algo isolado, com “existência própria”. Uma passagem de Engels, em uma carta a F. Mehring, faz uma reflexão sobre esse tratamento “autônomo” dado à superestrutura e às questões da formação da consciência:

“A ideologia é um processo que é realizado com consciência pelo assim chamado pensador, mas com uma consciência falsa. As autênticas forças propulsoras que o movem permanecem-lhe desconhecidas; senão, simplesmente, não seria um processo ideológico. Ele se imagina, portanto, forças motrizes falsas ou aparentes” (Engels, p. 465).

Continuando essa reflexão, Engels vai mostrar que, ao tratar-se de um processo intelectual, pode-se, confusamente, deduzir o conteúdo e a forma do pensamento como puros, sejam eles originários do seu próprio pensamento ou do pensamento de seus antecessores. E, a propósito, acrescenta:

2 O termo *voluntarismo* parece que foi usado pela primeira vez por Ferdinand Tönnies (1855-1936), que foi dos grandes “inspiradores” das reflexões que o Serviço Social fez, durante grande parte de sua história, sobre a questão *comunidade*. Sua preocupação se ligava à compreensão de dois tipos fundamentais de organização social: a *comunidade*, como uma organização “natural”, espontânea, baseada na sociabilidade do homem, e a *sociedade*, organização social “artificial”, contratual, baseada em relações não-diretas entre os homens.

O *voluntarismo* pode ser visto como uma perspectiva teórica que dá ênfase à ação do homem como *voluntária*, que se diferencia de algo planejado, determinado, ou seja, que se desvincula de determinações objetivas oriundas da base material. Ferrater Mora apresenta uma exemplificação que ajuda a clarear essa questão: “Se, por exemplo, Sebastião empurra a Paulo, isto é uma ação que executa Sebastião, e é uma ação porque Sebastião empurra a Paulo voluntariamente. O fato de que Sebastião empurre a Paulo é, segundo ele, um mero acontecimento e Sebastião não executa a ação voluntariamente — por exemplo se Sebastião empurra a Paulo porque foi empurrado por sua vez por Ricardo”. (MORA, Ferrater. *Diccionario de Filosofia*. 5. ed. Madrid: Alianza, 1984. p. 3466).



"Ele (O pensador) trabalha exclusivamente com material intelectual, que ele ingenuamente acredita ser criado pelo pensamento e nada mais, sem imaginar uma origem mais longínqua, independente do pensamento; para ele isso é óbvio, pois para ele, toda ação humana, porque *mediada* pelo pensamento, também parece, em última instância, *fundamentada* no pensamento". (Engels, 465).

Os professores entrevistados não desconhecem as "forças propulsoras" que determinam a consciência, mas trabalham, ao nível da transmissão do conteúdo da disciplina, sem apontá-las e sem refletir sobre elas. Muitas vezes, ainda, eles as explicitam, mas com uma visão

"não dialética, de causa e efeito, como pólos opostos de modo rígido, com o esquecimento absoluto da interação, (...) esquecem com frequência e quase deliberadamente que um elemento histórico, uma vez posto no mundo, através de *outras causas, económicas, no final das contas*, agora também reage sobre a sua circunstância e pode retroagir até mesmo sobre *as suas próprias causas*". (Engels, p. 466).

Ao se isolar esse elemento histórico, deforma-se o ponto de vista de Marx, tornando-se sua proposição abstrata, idealista e vazia de sentido. Esta perspectiva deformada é, algumas vezes, claramente explicitada:

"Eu acho que eu tento privilegiar muito mais a questão do homem na sua posição histórica, do que privilegiar essa instância mais do econômico. Praticamente eu não abordo essas questões".

O econômico parece passar fora da história. Trabalha-se a história, mas não passando pelas determinações da base material, o que representaria a negação da própria visão de história em Marx.

Em outras colocações, não se afirmou, explicitamente, a opção por esse privilégio. No entanto, na medida em que a abordagem da disciplina se limita a colocar somente essa dimensão, ela adquire uma relevância preponderante:

"Eu estou preocupada em que a gente resgate a condição nossa, e de cada aluno, enquanto ocupante de um lugar concreto, determinado, definido no mundo, e pensando tudo. Isto é que é o *pensar* o cotidiano". (Grifo meu.)

E mais:

"O cotidiano não é a gente saber *a priori* o que que é a classe trabalhadora. Porque o conceito de classe existe enquanto conceito, mas precisa de que a gente aproxime de um real, de uma expressão dessa classe, naquela realidade específica. E isso a gente só vai poder criar condições para o nosso aluno fazer também, se a gente ativar novamente o metabolismo que temos, que é de pensar a gente no mundo, pois não estamos habituados a pensar. Esse eu tenho como principal objetivo".

Ou ainda:

"O que eu tento passar, o que eu acho que é fundamental, são aquelas questões mais básicas. Quer dizer, que é o papel, no caso do assistente social, um compromisso com as classes oprimidas, (...) essa questão do próprio papel, que Gramsci chama de intelectual. Essa questão do compromisso, que eu acho que ele coloca de uma forma bastante clara. E essa coisa da instância, da super-estrutura. Eu acho que é fundamental recuperar uma visão mais cultural".

Observa-se uma certa confusão na idéia de pensar o cotidiano, enfatizando o pensar como uma dimensão apenas subjetiva. A idéia de cotidiano, que poderia resgatar a dimensão histórica, a historicidade deste cotidiano, não é explorada nessa dimensão.

Por outro lado, enfatiza-se a questão do "compromisso", que é visto como produto de uma decisão individual. O papel do profissional vem, por sua vez, confundido com a noção de intelectual orgânico, que, segundo Gramsci, se refere ao Partido, enquanto intelectual coletivo.

Numa terceira colocação, um entrevistado manifestou a intenção de combater todas as formas do mecanicismo e de não aceitar nem a determinação econômica como fator único nem "o *homem sendo mago diante do mundo, como o mago Merlin faz*".



*Balança a varinha e o*. Entretanto, ao não explicitar a ação combinada, em diferentes gradações, dos fatores que participam do desenvolvimento da sociedade, a abordagem, nesse caso, como manifestada na entrevista, caiu na sobre-determinação da dimensão subjetiva.

Esse tratamento representa uma certa continuidade, agora dentro da “perspectiva marxista”, da visão humanista predominante, historicamente, no Serviço Social e que encontrou, mais recentemente, nas lições de Paulo Freire, a sua reciclagem. Tal antecedente humanista, que pretende “valorizar” a ação dos homens, ressalta outra deformação: trata-se da abordagem do papel histórico dos homens, considerados, muitas vezes, como indivíduos e não como sujeitos históricos — as classes sociais.

### 5.4.3 — Cientificismo ou a negação da vinculação da ciência à transformação social

Recuperar Marx, discutir o Marxismo e, principalmente, trabalhar com preocupações mais ligadas a extrair dele o que ele tem de “poder explicativo” da sociedade, não-alicercado num arcabouço teórico que, no fundamental, aponta para a perspectiva de superação dessa sociedade, na visão do socialismo e do comunismo, configura-se como outra distorção presente no conteúdo da disciplina *Metodologia no Serviço Social*.

Com frequência, enfatizam-se, em Marx, aqueles aspectos que caracterizam sua preocupação com as questões ditas “científicas”. Percebe-se, assim, uma inquietação diante da discussão em torno do conhecimento, da ligação do sujeito que conhece e estabelece uma relação dialética de análise e ação com o objeto do conhecimento, sem, entretanto, ressaltar o vínculo dialético entre a produção desse conhecimento científico e a possibilidade de transformação da sociedade.

Marx assumiu a perspectiva dialético-materialista, analisando concretamente a sociedade burguesa. Para ele, existe uma relação íntima entre a análise dialética e materialista de história e a análise do desenvolvimento da sociedade burguesa, sendo razão da primeira o ter propiciado elementos para a formulação da segunda e, ao mesmo tempo, o ser consequência desta. Portanto, a concepção de método e suas categorias é “produto” criado nessa própria sociedade, possibilitando uma análise que viu

“o que era ‘invisível’ para a economia política burguesa: o segredo da teoria do valor em Marx, de sua análise do dinheiro, de sua teoria do capital, da taxa de lucro, e, por conseguinte, de todo o sistema econômico atual, é o caráter perecível da economia capitalista, seu desmoronamento e, por conseguinte (...) o objetivo final socialista”. (Löwy, p. 96).

Essa possibilidade existiu por ser a sociedade burguesa uma sociedade de classes, cujo desenvolvimento foi gerando determinadas necessidades no interior dessas classes, entre elas a sua própria negação e superação. Nesse sentido, somente porque assumiu um ponto de vista de classe, que via o capitalismo como antecedente do socialismo, é que Marx pôde chegar às conclusões a que chegou. Sua crítica básica à impossibilidade da ciência social neutra reside nesse ponto, que só tem a ver com a sociedade de classes.

Enquanto essa ênfase nas questões da produção científica, desvinculando-as do desenvolvimento da sociedade que se transforma, foi assumida por “marxistas” como Bernstein, Kautsky e outros, com todo um fundamento baseado na descrença da dialética, numa visão estática e justificadora do desenvolvimento do capitalismo, o discurso dos docentes ouvidos não expressa o entendimento do significado dessa opção feita na prática da transmissão dos conteúdos da disciplina em pauta. Por isso, enquanto para aqueles a opção pelo socialismo tinha de vir ligada a definições de caráter ético, nos depoimentos dos docentes a idéia de



transformação social aparece como uma definição mágica, oca, moral e não como um problema histórico.

Ao se verificar um distanciamento entre a discussão da produção do conhecimento e a perspectiva da revolução em Marx, a própria reflexão em torno das questões desse conhecimento e do método tendem a ficar "soltas". Assim, sem maior ligação com a visão mais totalizadora da perspectiva de Marx, aparecem uma ênfase na dimensão do pensar, uma posição de crítica ao empirismo, uma explicitação de categorias isoladas apontando na direção do método, uma preocupação isolada com a "postura" do investigador que assume essa perspectiva, com os códigos de linguagem, entre outras questões.

A ênfase na dimensão do pensar a sociedade, no repasse da teoria social de Marx, caracteriza-se, nos depoimentos, como "contraponto" à tônica da ideologia dominante na sociedade:

"Eu acho que esse é um dos grandes riscos. Tudo conspira contra o que a gente pensa. Parece paranóia, mas a sociedade não está armada para favorecer as condições de pensar. Pelo contrário, a sociedade está armada para que a gente cumpra coisas, para que a gente saia fazendo o que a televisão manda, fazendo o que o imediato coloca. E se torna um pouco mais cômodo. O outro caminho é mais difícil, que é o de tentar mediatizar outras formas, de chegar a propor alternativas, a propor soluções, encaminhar outra coisa que seja".

Na formação profissional, essa questão assume uma significação maior pelo fato de o Serviço Social ser, historicamente, uma prática instrumentalizadora. Essa tendência fica evidenciada, neste depoimento de um docente:

"A ênfase maior se deve, talvez, para tentar garantir ou minimizar os riscos que a gente corre, porque há uma tendência muito forte, tudo convida a se enveredar novamente pelo caminho do instrumental, do conjunto de técnicas, ou seja, do fazer. Porque a demanda que os alunos colocam quando estão na prática, como também os profissionais que vêm realizar cursos de extensão, é o fazer". (Grifo meu.)

Em outro depoimento, vê-se a preocupação de não reduzir a reflexão em torno do conhecimento à mera instrumentalização: "*Basicamente, o que a gente pretende repassar é, primeiro, aquela questão, mais de princípio mesmo, de que o método não se reduz a uma técnica, não se reduz a procedimentos e a instrumentais*".

Referindo-se à relação instrumental/método e sua vinculação com a opção teórica que a subsidia, um professor afirma:

"A questão principal é essa de passar essa visão para os alunos, fazer essa discussão de que, na verdade, a estrutura metodológica é fundamental no momento em que é ela que viabiliza uma determinada *proposta metodológica* mais ampla. E com isso a gente quer dizer, inclusive, que o instrumental, que os procedimentos da ação profissional não são neutros e não são técnicas meramente neutras. Mas que as técnicas são utilizadas de acordo com a maneira como elas são pensadas, como elas são buscadas e até de acordo com a maneira como elas são utilizadas. Essa é uma das questões fundamentais que a gente aborda na disciplina". (Grifo meu.)

A preocupação com a dimensão "subjetiva" do conhecimento vem também associada a uma crítica ao empirismo. Esta é extremamente acentuada, e assim enunciada por um entrevistado:

"O que eu quero é chamar a atenção dos alunos para a postura dos estudiosos ou dos pesquisadores que buscam apenas o dado empírico, o aparente, etc. É uma postura que compreende o conhecimento a partir do abstrato, ou seja, do indefinido, daquilo que é superficial, é vazio de sentido. O que eu quero dizer é que com relação a essa discussão e ao marxismo, o que se busca é debater a questão do abstrato e do concreto, ou seja, você só concretiza uma determinada ação — inclusive no seu cotidiano profissional —, se esta ação é fundamentada pela preocupação com o desvendamento, com a busca do significado, ou seja, com a concretização dos fenômenos. E não apenas através do empirismo. Parece que, de maneira fundamental, é isso".

É interessante notar que em Marx não há uma crítica profunda ao empirismo, como ele o fez o idealismo. A sua obra expressa, de fato, uma posição antiempiricista, mas, muito mais,



em "estado prático". Isso não quer dizer que sua obra foi antiempírica, pois recobra muitos elementos desta posição, como a preocupação de contraposição ao apriorismo, o redimensionamento do sensível, a rejeição à abstração metafísica, a valorização de um certo nível de intuitivismo etc.

Na verdade, alguns autores defendem que tanto o empirismo como o racionalismo tiveram "ressonâncias" na obra de Marx.

Henrique Lima Vaz situa a teoria do conhecimento desse filósofo como condicionada "pelo grande confronto que atravessa a filosofia moderna entre o empirismo e o racionalismo" (Vaz, 1982, pp. 5 a 15). Dessa forma, caracteriza Marx como herdeiro de Hegel, pois, ao aproximar-se criticamente de sua obra, se insere na dialética deste. Neste sentido, sofre ele a influência de todo um racionalismo que culmina em Hegel. Afirma o mesmo autor, por outro lado, que

"Marx acompanhou a crítica feita ao racionalismo hegeliano por Feuerbach, que tentou de certo modo fazer reviver dentro desse racionalismo a tradição empirista. Ele opôs a concepção hegeliana da dialética, eminentemente racionalista, uma concepção empirista, com a revalorização do sensível frente ao racional". (Vaz, 1982, p. 8).

E ainda, que os economistas políticos ingleses que tiveram uma ascendência sobre o filósofo, também transpiravam uma forte tradição empirista.

Toda a obra de Marx discute e coloca essas questões, resgatando criticamente suas contribuições e, muitas vezes, contrapondo-se a elas. Por isso, não se pode falar que ele é um racionalista nos moldes hegelianos, nem um empirista tipo feuerbachiano ou, menos ainda, um empirista da linha direta do empirismo inglês. É no

"entrecruzamento destes dois caminhos (...) que se situa a originalidade epistemológica do pensamento de Marx. (...) Quem quiser estudar a sua teoria do conhecimento, deve levar em conta o fato de que ele procurou manter as exigências do racionalismo dentro

de uma revalorização do empírico, que lhe parecia essencial para o seu propósito, não só de pensador mas, sobretudo, de homem de ação e de reformador social". (Vaz, 1982, p. 8).

No que se refere à reflexão propriamente dita, sobre o método, encontra-se, de modo extensivo, o trabalho com algumas categorias isoladas, sem a preocupação de obtenção de uma visão de conjunto da trajetória metodológica proposta por Marx.

Esta fala revela isso:

"Pegando a *Introdução à economia política*, eu tento recuperar, como base para a gente avançar, a questão do real, do abstrato, esta relação. (...) É a construção do concreto pensado, a questão do real ser pressuposto efetivo, a questão de que o concreto pensado passa pela elaboração do pensamento, mas não é a própria realidade. Essa discussão é que eu tento recuperar, esse tipo de entendimento. Eu acho que faço alguns avanços, mas a batalha é difícil. Os alunos têm uma profunda dificuldade de entender esta diferença. E, ao meu ver, se você não entende isso, por exemplo, todo o mais está prejudicado. Então esta é a discussão que tento recuperar primeiro. Bem esta é uma. Eu diria que esta é a principal. E, em muitas turmas, muitas vezes não se avança mais além disto".

Dessa forma, não se repassa, nem minimamente, a perspectiva de construção da explicação, a totalidade da visão através da qual Marx explica um fenômeno ou a sociedade e seu desenvolvimento. O fato de virem isoladas entre si e do contexto teórico histórico de sua produção torna essas categorias "naturalizadas", ou seja, leva a uma perda real do seu caráter histórico concreto.



# 6. NOTAS FINAIS OU INTRODUTÓRIAS DE UM NOVO ESTUDO.

A reflexão que este trabalho propiciou, a partir da minha própria experiência docente e da de outros colegas, não pretende apontar conclusões acabadas, mas destacar elementos que fizeram avançar esta reflexão e oferecer pistas para novas viagens.

O fato de esta trajetória ter permitido toda uma revisão crítica, não me levou, porém, a uma posição de "juiz" que, de fora, aponta deficiências, lacunas, mas à de alguém que se sente participante, inserido nos mesmos impasses. Em nenhum momento, coloquei *sub judice* o desempenho — o meu e o dos demais — como docentes; no entanto, procurei sempre ressaltar elementos constitutivos do pensamento social, que são transmitidos historicamente e que vão se manifestar no cotidiano pedagógico de todos nós.

Na desmontagem das deformações assimiladas representa um papel fundamental a reflexão sistemática de todo o seu processo gerador, e é para ela que este estudo pretende contribuir. Nesse sentido, constitui-se num esforço inicial de questionamento



de algumas idéias cristalizadas que são incorporadas em cada experiência e que permeiam a compreensão da problemática mais ampla, objeto deste trabalho.

Do processo vivido, de início de desvendamento dessas cristalizações, gostaria de realçar algumas descobertas.

A proposição marxiana e o positivismo são pólos opostos de uma mesma relação.

A percepção mais generalizada dessa relação, encontrada em grande parte dos depoimentos trabalhados, situa ambos simplesmente como pensamentos que se opõem.

Na verdade, a formulação marxiana contrapõe-se ao pensamento positivista. São correntes de pensamento de origens antagônicas e que informam concepções distintas de conhecimento. A existência de ambas, como opostos, situa-as numa relação de influência, que é conformada pela existência necessária dos dois pólos geradores destas correntes de pensamento: um vinculado aos interesses do desenvolvimento do capital e o outro, à emancipação do trabalho. Assim, a localização e existência de um desses pólos exigem a localização e existência do outro e, nesse movimento, os dois se referenciam como opostos.

No entanto, em sua trajetória histórica, o Marxismo ou os marxismos foram "assimilando" aspectos próprios de uma ótica positivista. Esses aspectos, produtos de leituras positivadas, na maioria não presentes no pensamento marxiano, foram sendo repassados historicamente. Pode-se, pois, dizer que a tradição marxista e o Positivismo não têm apenas uma relação de contraposição. A tradição marxista, em várias de suas vertentes, referencia e incorpora elementos do Positivismo, não os negando, mas assimilando-os como próprios.

Entre eles, este trabalho chamou a atenção para o fenômeno da "naturalização" das leis que regem a sociedade como uma perspectiva própria do Positivismo, que, ao ser "assimilada" pelo Marxismo, gera a distorção, entre outras, de supervalorizar o econômico como gerador do movimento da sociedade "inde-

pendentemente" da ação dos homens, como um fenômeno resultante de "geração espontânea", "natural". E, nesse mesmo sentido, leva ao seu reverso: a supremacia dos fatores não-econômicos como determinantes da história, também assumidos como algo dado.

O entendimento da sociedade justificada por leis naturais é um fenômeno que percorre grande parte das explicações dadas pelos docentes ouvidos, ainda que no nível do discurso isso seja negado. Essa perspectiva se expressa, numa "resignada auto-res-trição do pensamento" ao fato e ao dado, ligado a uma não-preocupação efetiva com o reconhecimento das diferentes determinações que conformam as questões analisadas. Como exemplo, recorde-se a explicação da origem da disciplina *Metodologia no Serviço Social*, considerada pela grande maioria dos entrevistados como algo apenas determinado pela sua inserção no currículo mínimo da formação profissional, exigido pelo Conselho Federal de Educação — MEC.

Esta visão dos fenômenos como algo dado vem sempre associada a uma linearidade da explicação destes. Nunca se contempla o movimento mais complexo de inter-relação de elementos, necessário para uma aproximação mais total à explicação desses mesmos fenômenos. A análise realizada por grande parcela dos entrevistados não reflete o movimento dialético do real, o movimento da sociedade capitalista, anunciado no nível do discurso teórico.

A adoção da visão determinista, em que a produção da vida material determina as demais esferas da vida social, abordada deformadamente como uma relação bastante automática entre estrutura e superestrutura, aparece como uma tentativa de superação da abordagem idealista. Esta última é herdeira de toda a trajetória histórica do Serviço Social.

No entanto, embora represente uma tentativa que busca contemplar a dimensão do significado das determinações objetivas, materiais, cai em idêntica abordagem unilateral. Reconhecendo que a superação dessa limitação estaria num tratamento



que contemplasse a relação de ambas as dimensões mutuamente influentes, em seu dinamismo próprio, acredita-se que aquele esforço, ainda que unilateral, chama a atenção para a existência dessa dimensão não contemplada predominantemente pelo Serviço Social. E vai questionar, no seu bojo, um certo nível de continuísmo que a abordagem voluntarista traz consigo, perenizando enfoques, cuja origem remonta, muitas vezes, ao caráter “educativo idealista” e “romântico”<sup>1</sup> que a profissão, pragmaticamente, sempre teve por influência da sua vinculação humanista à Igreja, ou, ainda, por uma influência mais liberal de “bem-estar social”, considerado como bem-estar de indivíduos e grupos.

1 A ação no Serviço Social apresentou sempre uma tendência a dar uma ênfase significativa à dimensão educativa nela embriçada, considerada, no entanto, idealisticamente, como processo de modificação de consciência desvinculada da base material que a sustenta. O “romântico”, aqui, abrange desde uma aceção da ação profissional assumida de modo sentimental e baseada em “impressões”, até uma visão do “romantismo” segundo Lukács, por exemplo, que o relaciona com uma postura antipitalista. Michael Löwy, em “A crítica romântica da civilização capitalista e sua relação com a cultura católica” (ver: *Serviço Social e Sociedade*, nº 28, São Paulo, Ed. Cortez, 1988, p. 127-154), desenvolve uma reflexão sobre o romantismo e sua vinculação, desde suas origens, à cultura católica, em que demonstra que ele é uma forma cultural que critica o desenvolvimento da sociedade capitalista e que pode assumir tanto uma postura conservadora, na medida em que a recusa para restaurar o passado, as relações feudais, a dominância da Igreja, como uma posição revolucionária, de superação dessa sociedade, numa perspectiva do socialismo. Nesse sentido, afirma Löwy: “Não é uma volta ao passado, mas uma volta pelo passado, em direção ao futuro”. Somente nas duas últimas décadas é que, dentro do Serviço Social, se tornou mais nítida esta segunda possibilidade. A idéia de socialismo, com múltiplas visões, está presente enquanto, até este momento, a tendência era alicerçar-se na Doutrina Social da Igreja, presa ao passado ou tendo como inspiração a “máxima” de “nem comunismo nem socialismo”, mas uma terceira: a via da democracia cristã. Essa questão é tão próxima do Serviço Social que, mais uma vez, se pode lembrar de Ferdinand Tönnies, sociólogo alemão, cuja influência marcou o Serviço Social, principalmente no que se refere à visão de “comunidade”, com a qual essa profissão trabalhou durante grande parte de sua trajetória. Tönnies é uma expressão do “romantismo” nas ciências sociais, quando, ao confrontar “comunidade” e “sociedade”, enfatiza que, na primeira, se recuperariam relações humanas diretas, não utilitaristas, obtidas pela vivência em pequenos grupos. O seu ideal está na recuperação dessas relações opostas às que dominam o conjunto da vida social sob o capitalismo.

Numa primeira aproximação ao objeto, acreditava-se que a tendência mais predominante na abordagem da proposição marxiana estava ligada à distorção “economicista”. No entanto, a realidade investigada revelou uma tendência contrária. No quadro das distorções do repasse da teoria marxiana, ainda é dominante, no Serviço Social, a perspectiva voluntarista.

Em ambas as situações, existe pouca percepção e crítica quanto ao fato de serem as duas abordagens unilaterais do pensamento marxiano. Nesse sentido ainda, é interessante notar que os profissionais que assumem a perspectiva voluntarista “crêem estar ampliando” o pensamento de Marx, ao trabalhar sobretudo as questões da cultura e da consciência, entre outras.

Também nas duas distorções unilaterais, descarta-se uma visão classista, ou seja, a questão da luta de classes. Ao se assumir uma visão voluntarista, conscientizadora, idealista, abandona-se a perspectiva da luta de classes que implica determinações objetivas e subjetivas e que se constitui num dos pilares da compreensão marxiana do movimento real da sociedade capitalista. Esse mesmo esvaziamento se dá ao se privilegiar, isoladamente, a determinação econômica, pois isso leva a uma secundarização, ou seja, a abstrair o homem de sua dimensão de sujeito histórico, colocando a sociedade como produto independente da ação dele, numa colocação, em última instância, própria do Positivismo: a de uma “sociedade regida por leis naturais”.

O repasse unilateral da proposição marxiana, até mesmo sem percepção dessa unilateralidade, tem como desdobramento o fato de transmitir, de modo igualmente unilateral e precário, uma perspectiva de análise da sociedade capitalista e de seu fim último, a superação dessa sociedade com vistas à construção da sociedade comunista. Assim, ainda que os docentes expressem, no nível do discurso, uma preocupação com a transformação da sociedade, isso não vai ser expresso em nível de repasse da disciplina. Tudo isso porque nem com “economicismo” nem com “voluntarismo” se alcança a revolução social.



Ao incorrer nessas distorções, toda a reflexão em torno do conhecimento do ponto de vista marxiano afasta-se de seus princípios. Sem esses, as questões do conhecimento por eles postas ficam desvinculadas, ganhando “vida autônoma”, como no Positivismo.

A formação docente a que se submeteu a grande maioria dos professores que hoje assume docência nas Universidades brasileiras não fugiu a toda essa influência deformadora. A aproximação ao marxismo, em grande parte das situações, se deu via militância político-partidária e recebeu toda a influência do movimento social, que, além de sensivelmente marcado pelo anarquismo e pelo stalinismo, foi agravado pelo clima de obscurantismo, resultante do golpe de 1964. Com essas influências, a formação docente, no que se refere a uma aproximação ao pensamento de Marx, trabalhou mais as interpretações e críticas à teoria e à prática marxista que a sua proposição original.

Essa deformação se fez presente também na formação docente recebida na Universidade, pela qual perpassavam as mesmas forças presentes no movimento social. Nesse sentido, em função do Movimento de 68, na França, desenvolveu-se toda uma orientação althusseriana, que enfatizava, na sua leitura de Marx, as questões epistemológicas em detrimento das ontológicas, “positivizando” a proposição marxiana, que não dá esse tratamento separatista à relação ciência e ideologia. Esta, ao ser assimilada pelo Serviço Social, rebate, entre outros, um “metodologismo” pseudomarxista.

Por tais características, que deram a tônica da introdução das idéias de Marx no Brasil, e, ainda, pelas influências positivas que marcaram os seus primeiros desdobramentos, no século passado, a ressonância no Serviço Social tendeu a ficar mais no nível do discurso, que, propriamente, a modificar a análise e a interpretação que os assistentes sociais fazem da sociedade e a sua conseqüente ação sobre esta mesma sociedade.

As análises realizadas pela grande maioria dos pesquisadores revelaram aspectos isolados da compreensão das questões inquiridas, não apontando as múltiplas relações que cada uma delas envolve, nem as localizando no contexto social e histórico em que se inserem.

Nessa linha de incompreensões na escolha dos autores a serem trabalhados, não se tem clareza no que se refere à sua contribuição para o entendimento da proposta marxiana, faltando-lhes uma visão do cenário do debate no âmbito do marxismo.

Em algumas situações, o docente introduz determinados autores, acreditando serem intérpretes de Marx, quando, muitas vezes, o único ponto de confluência que eles têm com o pensamento marxiano está na sua disposição de contestação e crítica às posições idealistas e positivistas. Em outras, ele opta por autores que ampliam alguma dimensão de reflexão feita por Marx, embora, com frequência, secundarizem outras perspectivas significativas que completam sua formulação.

A opção pelo *Manifesto Comunista* como o texto mais utilizado na disciplina, revela o ponto de entendimento da obra de Marx por parte da maioria dos docentes. No entanto, este texto tem um sentido mais orientado para o chamamento à organização no movimento operário e para a aglutinação dos representantes de sindicatos em torno da Associação Internacional de Trabalhadores, que emergia naquele momento, que para a penetração nos meandros da compreensão do conjunto do pensamento marxiano.

A *Contribuição à crítica da economia política* e a *Introdução à crítica da economia política*, que, nessa ordem, também são bastante utilizadas, têm sua razão de ser no entendimento das questões do método em Marx. Esses textos exigem, porém, outras leituras concomitantes, que permitirão visualizar a complexidade e a abrangência da contribuição de Marx. No entanto, na medida em que estas não existem, ou não se fazem, levam a um reducionismo da visão do filósofo.



Como é bastante frágil o entendimento das diferentes interpretações que se fazem das idéias de Marx, trabalha-se indistintamente com textos dele e de seus intérpretes. A situação se agrava quando se desenvolvem estudos sem nenhuma recorrência a textos originais de Marx. Com isso, o seu pensamento é captado como se fosse de seu intérprete, com todas as reduções consequentes.

Fica aí estabelecido o enorme distanciamento entre a interpretação reducionista assimilada como se fosse a própria proposição marxiana e a obra de Marx, que por sua vez, conjuga uma série de outras influências, que remontam a fontes anteriores ao idealismo alemão, à economia clássica e ao socialismo utópico.

A análise dessas questões está dando início a um debate sobre os diferentes marxismos e seus significados. Entretanto, essa polémica não está posta na maioria das Unidades de Ensino, o que implica que a assimilação das deformações das leituras e continua feita acriticamente, como se todas representassem igualmente o pensamento de Marx.

A superação de tais incompreensões, que têm ressonância na formulação e encaminhamento da disciplina analisada, não passa apenas pela recorrência a uma busca constante de permanente formação crítica nem pela mera aproximação individual às fontes. Ela se caracteriza como um produto social, parte de um movimento da sociedade que vai desvendando, clareando as diferentes visões, e permitindo a sua identificação tanto ao nível do significado teórico como ao do prático. Nesse movimento, como sujeitos ativos, os cidadãos/profissionais, entre eles o assistente social, também produtos de uma forma historicamente determinada de sociedade, contribuem com sua parcela, para aquele desvendamento.

As questões discutidas neste trabalho levaram-me a uma reflexão sistemática que, neste momento, poderiam me predispor a um novo começo.

# BIBLIOGRAFIA

- ANDREUCCI, Franco. A difusão e a vulgarização do marxismo. In: HOBBSBAWN, Eric (Org.). *História do marxismo II: o marxismo na época da 2ª Internacional*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985. 1ª Parte, p. 15-73.
- ARATO, Andrew. A antinomia do marxismo clássico: marxismo e filosofia. In: HOBBSBAWN, Eric (Org.). *História do Marxismo IV: o marxismo na época da 2ª Internacional*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, 3ª Parte, p. 85-148.
- BERNSTEIN, Eduard. *Las premisas del socialismo y las tareas de la social democracia*. Madrid, Siglo XXI, 1982.
- CADERNOS ABESS. *A metodologia do Serviço Social*. São Paulo, Cortez, n. 3, mar. 1989, 191 p.
- CARVALHO, Raul, IAMAMOTO, Marilda Villela. *Relações sociais e Serviço Social no Brasil*. São Paulo, Cortez, 1982.
- COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva, discurso sobre o espírito positivo, catecismo positivista*. São Paulo, Nova Cultural, 1988, p. 1-39: Curso de filosofia positiva. (Os Pensadores).



Consuelo Quiroga

# INVASÃO POSITIVISTA NO MARXISMO: manifestações no ensino da Metodologia no Serviço Social

Invasão positivista no marxismo: manifestações no ensino da metodologia no Serviço Social aborda questão fundamental para o ensino da Metodologia no Serviço Social. Contribui para revisões e avaliações no processo da formação profissional.

A autora amplia o debate das questões sociais a todos clientes interessados na pesquisa teórico-metodológica, rompendo, assim, o muro da especialização do Serviço Social.

O texto sonda, de um lado, as contaminações e invasões positivistas na própria tradição marxista; por outro, examina como — ou até que ponto — o Serviço Social tem se comprometido com o marxismo. Através de análise dos equívocos cometidos no processo histórico, a autora busca uma via de interação mais fecunda e legítima entre o pensamento crítico-dialético e o Serviço Social.

Consuelo Quiroga

INVASÃO POSITIVISTA NO MARXISMO

ISBN 85-249-0320-1



CORTEZ

CORTEZ